



O VERBO *LEVAR*: UMA PROPOSTA DE GRAMATICALIZAÇÃO NUMA PERSPECTIVA FORMAL

THE VERB *LEVAR* (TO CARRY):
A PROPOSITION FOR GRAMMATICIZATION
IN A FORMAL PERSPECTIVE

Daniela Alves¹

Universidade Federal da Bahia

Cristina Figueiredo²

Universidade Federal da Bahia

Resumo: Este trabalho apresenta uma descrição sintático-semântica do verbo *levar* com o objetivo de verificar se, em construções de verbo leve, *levar* é, de fato, um item funcional, resultante de um processo de gramaticalização, tendo em vista abordagens formais (ROBERTS, 2007; MARANTZ, 1997; VIOTTI, 1998; VITRAL; RAMOS, 2006). Para tanto, comparamos construções coletadas em *sites* da internet com construções coletadas em dois manuscritos do século XIV. Argumentamos que *levar*, no português arcaico, ocorre apenas em sua versão plena, significando transportar algo/alguém, enquanto que, no português atual, ocorre tanto em sua versão plena, quanto em sua versão leve, porém, nesse último, com um sujeito que sofre uma ação. O comportamento leve de *levar* acaba interferindo não somente em seu significado, mas também na capacidade de estabelecer relação predicativa com os elementos que o acompanham.

Palavras-Chave: Verbo *levar*; Gramaticalização; Abordagem formal.

¹ Endereço eletrônico: danisagitariana@hotmail.com.

² Endereço eletrônico: macrisfig@uol.com.br.

Abstract: *This paper presents a syntactic-semantic description of the verb "to carry" to verify if in light verb constructions it is a functional item, which results from a grammaticalization process, considering formal approaches (ROBERTS, 2007; MARANTZ, 1997; VIOTTI, 1998; VITRAL; RAMOS, 2006). To do so, we compare constructions collected from internet sites to constructions collected from two 14th century manuscripts. We argue that in archaic Portuguese it only appears in its full version, meaning to transport something/someone, while in current Portuguese, it occurs both in its full version and in its light version, which has patient subject. The light verb behavior ends up interfering not only in its meaning but also in its ability to establish a predicative relationship with the elements that surround it.*

Key-Words: *Verb levar (to carry); Grammaticalization; Formal approach.*

INTRODUÇÃO

Neste artigo, descrevemos as propriedades sintático-semânticas do verbo *levar*, em sentenças como *Levei um castigo*, *Meu time levou uma goleada*, em que o verbo parece se comportar como um verbo leve³, ou seja, esvaziado semanticamente, a fim de verificar em que medida o uso desse verbo evidencia que verbo leve é, de fato, funcional⁴ ao invés de lexical, resultante de um processo de gramaticalização, tendo em vista abordagens formais (ROBERTS, 2007; VIOTTI, 1998; VITRAL; RAMOS, 2006), sobretudo a Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), uma corrente gerativista não-lexicalista que, até então, pouco foi usada para tratar de questões da língua relacionadas à mudança.

Para tanto, será descrito o comportamento do verbo *levar* em construções do português atual, 51 ocorrências, coletadas em *sites* da internet, com a ajuda da ferramenta de busca Google, e comparadas a construções do português arcaico com o mesmo verbo, coletadas em dois documentos editados por Machado Filho (2008, 2009, respectivamente): *Diálogos de São Gregório*, de onde

³ *Light verb*, no inglês. Esse termo origina-se do trabalho de Jespersen (1949 apud SCHER, 2004).

⁴ Em muitos momentos, usamos o termo *funcional* e, em outros, *gramatical*, como sinônimos. Na teoria gerativa, dá-se preferência ao termo funcional.

foram retiradas 111 ocorrências, e *Flos Sanctorum*, de onde foram retiradas 79 ocorrências, ambos datáveis do século XIV.

A busca pelos dados do português contemporâneo se deu em *sites* de língua portuguesa, cujos textos refletem tanto situações formais, quanto informais, tais como textos científicos, jornais, *blogs* pessoais e redes sociais. A coleta das construções ocorreu a partir das formas pretéritas de 1ª e 3ª pessoas (e.g., *leveil/levamos uma surra; levou/levaram uma mordida*)⁵. A busca dos dados do português arcaico foi automática, a partir da base verbal, que, no *Diálogos de São Gregório*, é *leu-* e, no *Flos Sanctorum*, é *lev-*⁶.

A comparação entre o português atual e o português arcaico tem como objetivo responder as seguintes questões: i) construções com o verbo *levar*, em sua versão leve, já estariam presentes no português recuado no tempo ou seriam uma inovação, resultante de gramaticalização? e ii) em caso de inovação, que propriedades teria perdido o verbo *levar*, em sua versão plena, que permitiriam comportar-se também como verbo leve?

Há, na literatura, inúmeros trabalhos que descrevem e analisam o comportamento dos verbos leves e dos nomes que com eles se combinam, tanto numa perspectiva funcionalista (MOURA NEVES, 1996; PANTE, 2012; etc.), quanto numa perspectiva formal (GRIMSHAW; MESTER, 1988; ALBA-SALAS, 2002; SCHER, 2004; ALVES; FIGUEIREDO, 2018, etc.). No entanto, os trabalhos já desenvolvidos na perspectiva formal não apresentam uma descrição dentro dos parâmetros de gramaticalização, como discutidos na seção seguinte.

Cumprе ressaltar que o enfoque deste estudo não é identificar o que motiva a variação e a mudança que uma construção linguística esteja sofrendo na sua ocorrência, mas o sentido expresso de cada ocorrência nos vários contextos linguísticos. A descrição do comportamento desse verbo no

⁵ Eventualmente, apareciam construções com a forma verbal no presente, no infinitivo, no futuro etc.

⁶ Nesse período havia essas duas possibilidades.

português atual revela que a versão leve de *levar*, em comparação à sua versão plena, acaba interferindo não somente em seu conteúdo específico, mas também em sua capacidade de estabelecer relação predicativa com os elementos que o acompanham, por exemplo, o DP⁷ e o PP⁸ quando requerido na construção. Os resultados da comparação realizada evidenciam que, no português arcaico, o verbo *levar* não ocorria na versão leve, o que aponta para um processo de mudança desse item lexical ao longo da história do português.

Este texto está organizado da seguinte maneira: em 1, discorremos sobre os principais conceitos de gramaticalização nas perspectivas funcional e formal; em 2, delimitamos as principais características das construções com verbos pleno e leve no português; em 3, discutimos as propriedades do verbo *levar*, tentando mostrar que esse item apresenta duas versões, uma plena e uma leve; em 4, analisamos os dados coletados nos manuscritos do português arcaico; em 5, apresentamos uma proposta de gramaticalização nos moldes da Morfologia Distribuída. Por fim, trazemos as considerações finais.

1 O FENÔMENO DA GRAMATICALIZAÇÃO: ENFOQUE FUNCIONAL E FORMAL

A gramaticalização tem sido compreendida de várias formas, a depender da perspectiva de gramática e de língua levada em consideração. Do ponto de vista funcionalista, em que a língua é analisada levando em conta o seu uso, a gramaticalização é considerada um processo motivado por questões semântico-pragmáticas (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Já na perspectiva da teoria gerativa, a gramaticalização não é tratada como um fenômeno linguístico relacionado a

⁷ DP = Determiner Phrase = Sintagma Determinante.

⁸ PP = Prepositional Phrase = Sintagma Preposicional.

fatores externos à linguagem humana, mas pode ser entendida como um caso de reanálise e de alteração de parâmetros (ROBERTS, 2007).

O termo gramaticalização, conforme Castilho (1997), foi introduzido por Meillet (1912) para designar um tipo de fenômeno linguístico de natureza diacrônica. Trata-se, segundo Roberts (2007), da transição de *palavras lexicais* para *palavras funcionais* em estágios de uma língua. Para Batllori et al. (2005), o termo se refere aos processos de mudança categorial e desbotamento semântico pelo qual alguns itens lexicais passam durante o processo de evolução e mudança linguística.

De acordo com Castilho (1997), no processo de gramaticalização, algumas alterações podem ser identificadas: i) sintática, um item muda de classe de palavra, ou seja, recategoriza-se; ii) morfofonética, um item perde autonomia e material fônico, podendo transformar-se em afixo; iii) semântica, um item perde seu conteúdo original, como se vê em (1). A alteração semântica, conforme o autor, ocorre simultaneamente às demais.

- (1) a. Numeral ordinal > Preposição: *segundo*
b. Nome latino feminino > Afixo: *mente*
c. Valor de posse > Valor modal: *ter*

(Adaptado de CASTILHO, 1997, p. 39-47)

Em (1a), *segundo*, de acordo com Castilho, antes utilizado apenas como numeral ordinal, é empregado também com valor de preposição. Em (1b), conforme Castilho, *mente*, que, no latim, era um nome feminino, sofre um processo fonético, tornando-se um afixo, que, no português, se adjunge a adjetivos. Já em (1c), o autor aponta que, com o surgimento do futuro composto, *ter* passou a perder seu sentido de posse e a adquirir um valor modal (dever), *tenho de ir*.

Para Hopper e Traugott (1993, p. 7), as alterações mencionadas são previstas por meio de um ciclo que é formulado da maneira como está em (2).

(2) item lexical > item gramatical > clítico > afixo

No que diz respeito às mudanças semelhantes à que se investiga neste trabalho, ou seja, a ampliação do uso de um verbo pleno como verbo leve, esvaziando-se tematicamente, os autores (1993, p. 108), considerando o *continuum* da gramaticalização, apontam que o verbo leve (*vetor*, para os autores) ocupa uma posição intermediária entre o verbo lexical e o gramatical/auxiliar, como se vê em (3).

(3) verbo pleno > (verbo vetor) > verbo auxiliar > clítico > afixo

Hopper e Traugott (1993) afirmam que o *verbo vetor* é um verbo leve, que é diferente de verbo auxiliar⁹. No ciclo proposto em (3), a posição do verbo leve é um percurso opcional para a formação do auxiliar. Em outras palavras, para que um verbo pleno se torne um verbo auxiliar, não precisa, necessariamente, que antes tenha se tornado um verbo leve. Conforme Butt e Lahiri (2002), a inclusão do verbo leve no ciclo de gramaticalização ocorre devido a um estudo da língua hindi, em que esse verbo é visto como um subtipo de verbo auxiliar. Butt e Lahiri, no entanto, assumem uma posição bastante diferente da visão de Hopper e Traugott. Aquelas veem as variantes verbais plenas e leves em íntima

⁹ Para Scher (2004, p. 135-136), verbos leves e verbos auxiliares denotam algumas diferenças: a) um verbo leve como *dar* tem um papel fundamental na interpretação de diminutivização presente em construções como *Maria deu uma lida no artigo*, já verbos auxiliares não contribuem com nenhum valor semântico para a construção em que ocorrem; b) verbos leves, diferente dos auxiliares, ocorrem sempre na mesma forma que os verbos plenos ocorreriam (*João deu uma saída* > *João deu um livro a Pedro*); c) verbos auxiliares, diferente dos verbos leves, ocorrem acompanhando nomes no infinitivo ou gerúndio. Esses dois tipos de verbos, porém, podem ocorrer acompanhados por nomes no particípio, o que se verifica pelo sufixo *-adal/-ida*.

associação, ou seja, apresentam a mesma forma, por exemplo, *João levou flores para Maria* > *Maria levou um susto de João*. Além disso, as autoras apontam que, enquanto o verbo leve não apresenta um percurso histórico, isto é, não vem do verbo pleno, embora suas formas coincidam, os auxiliares surgem a partir de verbos plenos e, em seguida, podem se tornar afixos. Butt e Lahiri (2002, p. 6) apresentam, assim, a seguinte proposta.

- (4) verbo pleno > verbo auxiliar > clítico > afixo
|
verbo leve

Entretanto, tendo em vista a direção da gramaticalização apresentada por Hopper e Traugott (1993), os verbos leves parecem ter um comportamento intermediário entre o verbo pleno e o verbo auxiliar, visto que são capazes de abrir a posição do argumento externo da construção (SCHER, 2004), ainda que não projetem e nem selecionem o argumento interno, bem como não atribuam papel temático nem ao argumento externo, nem ao argumento interno. Os argumentos externos e internos são selecionados conjuntamente: verbo leve + elemento nominal. Por outro lado, os auxiliares, embora possam selecionar categorialmente um argumento interno, como um infinitivoP, um gerúndioP e um particípioP, não selecionam semanticamente, nem atribuem papel temático, ficando essa e as demais operações a cargo do verbo principal.

Ainda sobre a escala proposta por Hopper e Traugott (1993) em (2), a alteração da primeira etapa (item lexical) para a segunda etapa (item gramatical) diz respeito a uma alteração da classe de palavra do item e é acompanhada de uma alteração relacionada ao significado. Por outro lado, as alterações relacionadas à terceira etapa (clítico) e à quarta etapa (afixo) dizem respeito ao ponto de vista morfofonético. Cada etapa levaria às modificações da distribuição sintática do item, tornando-a mais restrita à medida que caminha

para a direita do ciclo. Essa distribuição sintática faz prever, segundo Vitral e Ramos (2006), estudiosos que trabalham numa perspectiva formal, que haveria gradualidade entre as etapas do ciclo, em relação ao significado. Ou seja, quanto mais à direita, maior o esvaziamento semântico. Outra expectativa seria a de que os processos podem se tornar concomitantes, isto é, quanto maior o esvaziamento semântico, maior a perda de substância fônica. Contudo, conforme os autores (2006), essas expectativas não se confirmam.

Vitral e Ramos (2006) argumentam ainda que é possível um item coexistir apresentando estatutos sintáticos diferentes, como acontece com o verbo *ter*, no português, que ocorre como verbo pleno, indicando posse (*Eu tenho muitas canetas*) e auxiliar (*Eu tenho conhecido muitos lugares*)¹⁰. Este processo atinge a primeira e a segunda etapa de (2); logo, pode-se afirmar que as etapas em (2) são *etapas em potência*, o que significa dizer que não implica que, em todo processo de gramaticalização, haja todas as mudanças de todos os aspectos gramaticais previstos.

Com relação ao modelo formal de gramaticalização, conforme Batllori et al. (2005), a maior crítica do funcionalismo ao formalismo é que esse só lida com o fenômeno da *recategorização* (um aspecto particular da gramaticalização) e não explica a questão da gradualidade, argumentando que a perspectiva gerativa só captura mudanças abruptas. Todavia, a razão principal para olhar a mudança como gradual centra-se nos próprios estudos de mudança, que traçam uma evolução temporal de competição entre formas conservadoras e inovadoras (LUCCHESI; RIBEIRO, 2009). Sobre esse assunto, Roberts (2007) levanta uma discussão de como é possível conciliar o curso temporal da mudança linguística e o fato de que a frequência de ocorrências entre formas inovadoras e conservadoras segue uma curva-S, analisando o efeito da gradualidade sob a

¹⁰ No português brasileiro, o verbo *ter*, além de ocorrer como verbo pleno e como verbo auxiliar, ocorre com valor de existir (*Tinha três pessoas na sala*) e como leve (*Tive uma conversa com meu pai sobre meus planos para o futuro*).

perspectiva de fatores sociais e sob a natureza do sistema gramatical, como opcionalidade na gramática. Para ele, a combinação desses fatores, independentes um do outro, é responsável pela miragem da mudança gradual, escondendo, nos fatos históricos, os efeitos da mudança estrutural discreta e abrupta. O fato é que essa discussão não invalida uma investigação, tanto funcionalista, quanto formalista, sobre questões de gramaticalização, pois, como pontua Borges Neto (2004), é o ponto de vista do investigador, com base em uma teoria particular, que determina o objeto de estudo.

A atribuição de gradualidade, para Vitral e Ramos (2006), parece vir do fato de ser possível, a partir de um processo de gramaticalização, num recorte sincrônico, atribuir a um único item duas categorizações diferentes e aferir índices de frequência diferentes para cada um deles. Conforme esses autores, essa linha de análise pode explicar dois outros aspectos de gramaticalização: (1) a coexistência, num dado estágio de uma língua, de um item com função lexical e com função funcional derivada; e (2) o fato de o item que se gramaticaliza aumentar a sua frequência¹¹.

Quanto à *recategorização* apontada pelos funcionalistas como o único fenômeno com que a gerativa se preocupa, para Vitral e Ramos (2006, p. 23), constitui um epifenômeno no qual é possível perceber a atuação das operações do sistema computacional, no sentido de Chomsky (1995). Em outras palavras, conforme os autores, existem mecanismos que colhem os itens no léxico e os alocam, formando com eles arranjos sintáticos. Ou ainda, o sistema computacional vê itens pertencentes a categorias distintas e forma arranjos sintáticos com eles por meio de suas operações que os inserem e os movimentam. Segundo Vitral e Ramos, o sistema computacional não veria o

¹¹ Quanto à frequência, percebemos, durante uma rápida busca pelos dados em *sites* da internet, que o verbo *levar*, em sua versão leve, ocorre com mais frequência do que *levar* em sua versão plena. Isso foi percebido, pois, durante um único levantamento, surgiram mais ocorrências com o verbo leve *levar*, 37 ocorrências, do que com o verbo pleno *levar*, 14 ocorrências.

processo de recategorização. Este seria um epifenômeno captado pelo linguista quando compara estágios diferentes de uma língua (VITRAL; RAMOS, 2006).

No caso do verbo *ter*, por exemplo, de acordo com Vitral e Ramos (2006), o sistema computacional, através de suas operações, insere a sua versão plena e auxiliar em arranjos sintáticos quando vê os traços que definem a classe sintática dos itens, e os alocam segundo esses traços. Dessa forma, *ter* lexical é alocado no contexto __NP e *ter* funcional no contexto __VP. Para os autores, a gradualidade identificada nos estudos sobre gramaticalização não tem relação com a possibilidade de indefinição da classe de um item, e apontam que um item é de uma classe ou de outra. Melhor dizendo, quando um item é inserido em uma estrutura oracional, já tem sua classe sintática definida. Eles assumem que a mudança não está relacionada à substituição de uma forma por outra, mas a estatutos sintáticos diferentes atribuídos a uma mesma forma fonética, resultando em duas ou mais entradas lexicais distintas.

Diferentemente de Vitral e Ramos (2006), para Roberts (2007), o fenômeno da gramaticalização é visto em termos de mudança de uma categoria lexical para uma categoria funcional, acompanhada de um processo de *desbotamento semântico*. No que diz respeito aos dois tipos de categorias, Roberts assume que é funcional aquela que não atribui papel temático e, dentro da categoria lexical, há uma distinção entre a que pode atribuir papel temático e a que não pode. Desse modo, existem verbos plenos, gerados em V, que atribuem papel temático; verbos auxiliares (lexicais), também gerados em V, que não atribuem papel temático; e auxiliares funcionais, que são gerados em I, implicando em uma simplificação estrutural, e, conseqüentemente, na eliminação de um passo da operação de movimento. O autor não diz nada sobre verbos leves. Todavia, assumindo o esquema em (2), propomos que os verbos leves estão entre os verbos plenos e os auxiliares, ou seja, não são previamente nem lexicais, nem totalmente funcionais, porque abrem a posição

de, pelo menos, um argumento, o externo, enquanto o verbo pleno abre todas as posições e atribui papel temático a todos os argumentos que ocorrem no evento e o auxiliar não exerce nenhuma dessas funções. De acordo com Scher (2004), o argumento externo, se a raiz do nome que se associa ao verbo leve for compatível com uma causa externa, é projetado pelo verbo leve.

Por sua vez, Viotti (1998), diferente de Roberts, vê a gramaticalização como um fenômeno que leva um elemento lexical a passar por um processo de esvaziamento semântico a partir do qual não pode mais estabelecer uma relação prediativa com seus argumentos; isto é, a relação entre esses elementos deixa de ser uma relação temática. Como consequência, o item lexical sofre uma mudança de categoria, deixando de compor uma categoria lexical, semanticamente plena e capaz de estabelecer relações temáticas, e passando a integrar uma categoria funcional, puramente gramatical. Para Viotti, o esvaziamento semântico é a causa da gramaticalização, e não apenas um fenômeno decorrente dela, como propõe Roberts (2007). Por conseguinte, na proposta de Viotti, a mudança de categoria, verificada nos casos de gramaticalização, é uma consequência direta da perda de informação semântica e da aplicação de princípios gerais que orientam a gramática para estruturas mais simples.

Nesta seção, além de apresentarmos algumas propriedades da gramaticalização dentro de estudos funcionalistas, discutimos algumas perspectivas formais sobre gramaticalização dentro da Gramática Gerativa (ROBERTS, 2007; VIOTTI, 1998; VITRAL; RAMOS, 2006), porém, cumpre ressaltar que as concepções de Viotti e Vitral e Ramos são as que melhor parecem explicar o comportamento das ocorrências com o verbo *levar* analisadas neste artigo, uma vez que *levar* parece ser um único item fonético com estatutos sintáticos diferentes, bem como por parecer, em alguns casos, não ser mais capaz de se relacionar tematicamente com os elementos com os quais

se associam. Contudo, por não concordar que a ampliação do uso de *levar* resulte em duas ou mais entradas lexicais distintas, assumiremos o aporte teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ 1997) para explicar as mudanças no comportamento desse item verbal. A seguir, discorreremos sobre as principais características das construções constituídas por verbos pleno e leve no português, bem como analisamos construções com o verbo *levar* em suas versões aqui em foco.

2 CONSTRUÇÕES COM VERBO PLENO E VERBO LEVE

Frequentemente, os estudos linguísticos distinguem quatro tipos de verbos: i) verbo pleno; ii) verbo de ligação; iii) verbo auxiliar; e iv) verbo leve. Para o presente estudo, interessa-nos as descrições de verbo pleno e de verbo leve.

Os chamados verbos plenos formam o núcleo semântico de uma sentença, caracterizados por determinadas propriedades de seleção semântica, número de argumentos e papéis temáticos correspondentes, e de seleção sintática, categoria de cada argumento e a relação gramatical que assume dentro da sentença (DUARTE, 2003, p. 296). Com base no número de argumentos que selecionam e na relação gramatical que tais argumentos desempenham na oração, os verbos plenos, segundo Duarte (2003, p. 296-302), podem ser divididos em variados tipos, a saber: a) transitivos de três lugares, *O João deu um livro ao Pedro*; b) transitivos de dois lugares, *O Pedro adorou o teu presente*; c) verbos de um lugar, como inergativos, *O bebê espirrou*, e inacusativos, *A vítima do acidente desmaiou*; e d) verbos de zero lugar, *Choveu torrencialmente*.

Por sua vez, os verbos denominados de leves (doravante, VLs), segundo a literatura linguística, são semanticamente vazios e são definidos, em oposição ao verbo pleno, como elementos meramente gramaticais, portadores de

informações morfológicas referentes à flexão verbal, ficando a significação do evento sob a responsabilidade do nome (GRIMSHAW; MESTER, 1988; MOURA NEVES, 1996; ALBA-SALAS, 2002). Entretanto, de acordo com Scher (2004), eles são capazes de abrir a posição do argumento externo. Nas construções com verbos leves (CVLs), o verbo, segundo a autora (2004, p. 30), associa-se a um elemento nominal e pode ainda se combinar com um constituinte preposicionado, quando for requerido na construção. Esses comportamentos são observados nas CVLs com *levar*, como em (5), respectivamente.

- (5) a. [...] hoje eu estava andando na calçada, para “tomar um arzinho” e *levei um tombo* quando fui subir a calçada¹².
b. Michelle Loreto, apresentadora do quadro Bem Estar, da Rede Globo, revelou [...] que *levou uma mordida* de sua cachorra¹³.

Conforme Alba-Salas (2002), CVLs são um fenômeno translinguístico, uma vez que têm sido documentadas numa variedade de línguas como inglês, coreano, japonês, alemão, urdu, basco, italiano, entre outras. O fenômeno é particularmente proeminente no basco, no japonês e no coreano, pois essas construções superam construções com verbos plenos. Segundo Alba-Salas, mesmo nas línguas românicas, onde construções com verbos plenos têm sido consideradas como a regra, CVLs são bastante produtivas, o suficiente para chamar a atenção de gramáticos prescritivos, que, normalmente, condenam a proliferação de VLs, como *ter*, *fazer* ou *tomar* no uso diário.

Para a identificação desse tipo de construção, geralmente, propõe-se uma paráfrase em que se verifica uma correspondência entre a CVL e a construção

¹² Disponível em <<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20101120065751AAlhGp0>>. Acesso em 10/10/2019.

¹³ Disponível em <<https://claudia.abril.com.br/famosos/jornalista-globo-mordida-cachorro/>>. Acesso em: 10/10/2019.

com verbo pleno, cuja base corresponde à base do nominal da CVL¹⁴. Por exemplo, CVLs com as expressões *deu uma arrumação nos livros* e *fez um reajustamento no maxilar* podem ser parafraseadas por sentenças com os verbos plenos flexionados *arrumou* e *reajustou*. As CVLs com o verbo *levar*, geralmente, correspondem a uma construção passiva: *Pedro levou um chute*, corresponde a *Pedro foi chutado*. Porém, tendo em vista o conjunto de construções que são incluídas na classe tradicionalmente denominadas de CVLs¹⁵, nem sempre esse critério é válido (MOURA NEVES, 1996), visto que a paráfrase não é possível de ser realizada na maioria das vezes. Por exemplo, não há no português uma forma verbal simples correspondente às construções *Hugo fez sucesso na televisão*, *O almoço deu sono nas crianças* e *Pedro levou uma coronhada na cabeça*¹⁶.

Diante dessa impossibilidade, neste artigo, construções como *levei uma coronhada* não serão consideradas CVLs. A dificuldade de uso da paráfrase para a definição de CVL não está restrita ao português, uma vez que outras línguas naturais também apresentam essa restrição. Por exemplo, no espanhol, de acordo com Alba-Salas (2002, p. 276), *hacer una campaña* (fazer uma campanha), não é *campañear*; e, no francês, *faire une conférence* (fazer uma conferência), não é *conférencier*.

Logo, outros critérios também devem ser fixados na identificação dessas construções, visto que são essenciais para a coleta de dados a serem investigados. Segundo Pante (2012), uma característica assumida como própria de CVLs é a possibilidade de detransitivização do verbo, ou seja, enquanto a construção com verbo pleno prevê a presença de argumentos internos, a CVL

¹⁴ Esse critério foi relevante para o momento da busca nos sítios digitais.

¹⁵ Ver Moura Neves (1996) para uma noção maior de quais construções são tradicionalmente denominadas de CVLs.

¹⁶ Há, na literatura, uma série de construções, além dessas, que são incluídas dentro da classe tradicionalmente denominada de CVL. Neste trabalho, não entraremos nesta discussão (para maiores observações, ver tese de doutorado, em andamento, de Daniela Alves), mas salientamos que, aqui, estamos considerando CVLs aquelas construções que, além de outras propriedades, possuem uma contraparte verbal.

ocorre com redução da valência verbal. Nesses casos, o emprego do VL + DP pode omitir a presença do argumento mais interno, conforme se percebe com o VL *dar* em (6):

- (6) Caraca Alica, você *deu uma emagrecida* significativa¹⁷.

Como se observa, em (6), o VL *dar* ocorre associado a apenas dois elementos exigidos pela construção, *você/Alica* e *uma emagrecida*; enquanto que numa construção com *dar* pleno, seriam exigidos três argumentos (*João deu um livro a Maria*). O mesmo comportamento também pode ser verificado nas construções com o verbo *levar*, como nos exemplos em (7), do *corpus*.

- (7) a. Essa tarde eu visitei o seu túmulo e *levei* flores roxas e vermelhas para ela¹⁸.
b. Boxeadora beija oponente na boca em encarada e *leva tapa*¹⁹.

Além desses critérios, em uma CVL, o verbo deve ocorrer combinado com nomes que denotam ação ou evento (*Maria deu uma lavada na camisa, Paulo fez uma inspeção na obra*), bem como com nomes deverbais não eventivos que apresentem uma interpretação verbal, como *ter conhecimento*, em que nem *ter conhecimento* nem tampouco *conhecer* ou *conhecimento* denotam ações.

Nesta seção, discutimos as principais características das CVLs no português e apresentamos alguns critérios de identificação dessas construções, porém, pontuamos que, embora exista um grande número de construções que são, tradicionalmente, denominadas como CVLs, conforme aponta Moura

¹⁷ Disponível em <<https://www.facebook.com/AliceSalazarOficial/posts/460394494023985>>. Acesso em: 08/08/2015.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2019/10/10/the-cure-comentario-pictures/>>. Acesso em: 10/10/2019.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.metropoles.com/esportes/boxeadora-beija-oponente-na-boca-em-encarada-e-leva-tapa>>. Acesso em: 10/10/2019.

Neves (1996), estamos assumindo, neste artigo, que CVLs são construções constituídas por um verbo desprovido de seu conteúdo específico, associado a um nome eventivo, *João levou uma pisada de um desconhecido*, *Pedro levou um tiro do policial*, que possui uma contraparte verbal, *pisar* e *atirar*. Na seção seguinte, apontamos as propriedades mais relevantes das construções com o verbo *levar*, mostrando que esse elemento também possui uma versão leve.

3 O VERBO *LEVAR*

O verbo *levar* em sua versão plena significa *conduzir algo de um lugar para outro; arrastar; puxar; guiar, encaminhar, carregar* (MICHAELIS, versão online), ou seja, expressa o sentido de *transportar algo/alguém*.

De acordo com exemplos do dicionário Michaelis, versão online, o verbo *levar* pleno pode ser considerado transitivo de três lugares, projetando em sua grade: o argumento externo e dois argumentos internos, um DP e um PP, como em (8). Pode ainda ser transitivo de dois lugares, projetando: o argumento externo e o argumento interno, um DP, como em (9)²⁰.

- (8) a. Jogador de futebol *levou* flores para a namorada²¹.
b. Helicóptero presidencial *levou* parentes de Bolsonaro a casamento²².
c. O nigeriano Michael Akinruli, que sequestrou a filha de 9 anos e a *levou* para a Nigéria²³.

- (9) a. Diante da sua insistência, *leve*i o jornal²⁴.

²⁰ Os usos como predicado de dois lugares parecem ter um alvo/destino não-especificado, indefinido, e não inexistente.

²¹ Disponível em: <<https://www.gazetaonline.com.br/entretenimento/famosos/2019-1014172871.html>>. Acesso em: 10/10/2019.

²² Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/helicoptero-presidencial-levou-parentes-de-bolsonaro-a-casamento/>>. Acesso em: 10/10/2019.

²³ Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/cidades/pai-que-sequestrou-filha-e-levou-para-a-nigeria-e-indiciado-por-tres-crimes-1.2200217>>. Acesso em: 10/10/2019.

-
- b. A Polícia Civil (PC) está à procura dos quatro assaltantes que *levaram* a pistola calibre ponto 40²⁵.
 - c. A ventania também *levou* os telhados e destruiu uma ala da Penitenciária Regional de Guajará-Mirim²⁶.

Desse modo, o verbo *levar* atribui papel semântico a todos os argumentos de sua grade: *agente*, para o argumento externo, em (8a, b, c) e (9a, b); *causa*, para o argumento externo, em (9c); *tema*, para o complemento DP, em (8a, b, c) e (9a, b, c); e *alvo/meta*²⁷, para o complemento PP, em (8a, b, c).

Quanto à versão leve do verbo *levar*, em comum com a versão plena, ela satisfaz a condição morfossintática de se flexionar em tempo, modo, número e pessoa, porém não denota o sentido de transportar algo/alguém. Na versão leve, *levar*, juntamente com o nome com o qual se combina, considerado o principal predador da construção (SCHER, 2004), expressa um evento sofrido por alguém, que, como em (10), corresponde à forma passiva analítica *foi mordida*, *foi socado*, *foi goleado*, *foi picado*, *foi surrado* e *foi guinado*.

- (10) a. Michelle Loreto, apresentadora do quadro Bem Estar, da Rede Globo, revelou [...] que *levou uma mordida* de sua cachorra²⁸.
- b. Zé Elias nota criança atrás de torcedor que *levou soco* de Neymar²⁹.
- c. O coitadinho do curinthians *levou goleada* do Palmeiras³⁰.

²⁴ Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/mensagens-de-otimismo-fe-esperanca/6765409>>. Acesso em: 10/10/2019.

²⁵ Disponível em: <<https://d24am.com/amazonas/policia/pc-busca-por-assaltantes-que-levaram-arma-de-delegado-cameras-flagraram-crime/>>. Acesso em: 10/10/2019.

²⁶ Disponível em: <<https://www.diariodaamazonia.com.br/ventania-atinge-a-fronteira-do-brasil-e-bolivia-e-cao-panico/>>. Acesso em: 22/10/2019.

²⁷ Na literatura linguística, há uma vasta discussão sobre esse papel semântico e a preposição que a ele se relaciona, se *a* ou *para*, porém, neste trabalho, estamos considerando como *alvo/meta* todos os DPs nucleados por essas duas preposições.

²⁸ Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/famosos/jornalista-globo-mordida-cachorro/>>. Acesso em: 10/10/2019.

²⁹ Disponível em: <https://www.espn.com.br/video/clipe/_id/5564267>. Acesso em: 10/10/2019.

³⁰ Disponível em <<https://futebolemnumeros.blogosfera.uol.com.br/.../palmeiras-mais-goleadas-sofridas>>. Acesso em: 10/10/2019.

- d. Meu filho tem 1 ano e 9 meses e ele *levou picada* de formiga e está inchado³¹.
- e. É verdade que um homem de 34 anos de idade *levou uma surra* em um bar após cantar sem parar a música Caneta Azul?³²
- f. O caso da morte do pai de santo da região de Gramame [...] *levou uma guinada* após a perícia identificar indícios de execução³³.

Como se observa, em (10), *levar*, assim como em sua versão plena em (8) e (9), ocorre combinado com dois ou três elementos, como em (10a, b, c, d) e (10e, f), respectivamente, porém nota-se que a natureza dos nomes, objetos diretos, que se associam a *levar* são diferentes: entidade, como em (8) e (9), versão plena, e evento, com contraparte verbal, como em (10), versão leve. Esses DPs objetos diretos não são definidos, exceto nos casos de ênfase, como *João levou a surra*, significando uma grande surra. Além disso, comparando (8) e (9) com (10), não se verifica correspondência de papel semântico para o argumento externo, haja vista que, em (8) e (9), se identifica um *agente* ou *causa*, e, em (10), um *paciente*. Essa estratégia permite demover o agente e promover o paciente, tal como ocorre nas construções passivas. Ademais, o argumento externo das CVLs com *levar* parece ser sempre específico/determinado, como, por exemplo, no contraste pleno e leve, respectivamente: *Maria levou o namorado na festa/levaram namorados na festa* vs. *Maria levou um soco na festa/??levaram um soco na festa*.

Observando os PPs que ocorrem em (8) e (10), também não se percebe correspondência de papel semântico, uma vez que, na versão plena de *levar*, quando requerido, o papel semântico do PP, introduzido pelas preposições *a/para*, é *alvo/meta*; já na CVL o PP, nucleado pela preposição *de*, denota o papel

³¹ Disponível em <<http://www.viomundo.com.br/blog-da-saude/dr-pastorino-bastam-duas-tres-picadas-de-inseto-para-a-crianca-ter-alergia-na-pele-aprenda-a-detectar-prevenir-e-cuidar.html>>. Acesso em: 10/10/2019.

³² Disponível em: < <https://noticias.r7.com/hora-7/e-farsas/um-homem-levou-uma-surra-em-bar-por-nao-parar-de-cantar-a-musica-caneta-azul-30102019>>. Acesso em: 16/12/2019.

³³ Disponível em: <<http://paraiba.com.br/2019/12/16/policia-suspeita-que-morte-de-pai-de-santo-tenha-sido-execucao-foram-10-tiros/>>. Acesso em: 16/12/2019.

semântico de *fonte*³⁴, como se vê em (10a, b, c, d), estabelecendo uma relação entre o PP e o nome da CVL, evidenciando o que Alba-Salas (2002) e Scher (2004) defendem: o PP, nas CVLs, constitui-se um argumento interno do elemento nominal que se associa ao VL.

Resumindo, o verbo leve *levar* possui as seguintes características:

- não denota o sentido de transportar algo/alguém;
- não é o principal predicator da construção;
- não preserva os papéis temáticos de agente ou causa para o seu argumento externo, ocorrendo com um paciente;
- não preserva o papel temático de alvo/meta para o PP, ocorrendo com um PP com papel temático fonte, quando requerido na CVL;
- ocorre combinado com um objeto direto de natureza eventiva, com contraparte verbal.

Na seção seguinte, descrevemos as ocorrências com o verbo *levar* coletadas no *corpus* do português arcaico, o *Diálogos de São Gregório* e o *Flos Sanctorum*.

4 AS CONSTRUÇÕES COM O VERBO *LEVAR* NO PORTUGUÊS ARCAICO

Nesta seção, descrevemos construções com o verbo *levar* no português arcaico, comparando com construções com esse mesmo verbo em sua versão leve, coletadas em *sites* da internet, descritas na seção anterior, a fim de verificar se, em um período mais recuado da história, o verbo *levar* já se comportava como leve, ou se houve uma mudança/perda ou diminuição de seu sentido lexical, caracterizando um processo de gramaticalização.

³⁴ Neste trabalho, não discutiremos se o nominal com o qual o VL se combina possui ou não papel temático, visto que estamos o assumindo como um predicator.

Nos documentos, *Flos Sanctorum* e *Diálogos de São Gregório*, não foram encontradas construções em que *levar* ocorresse em sua versão leve, o que pode apontar que CVLs com esse verbo ainda não eram realizadas no século XIV³⁵. Na análise dos dados, assim como fizemos com as construções apresentadas com *levar* discutidas anteriormente, consideramos três aspectos: a) o significado do elemento verbal; b) o número de elementos participantes da construção; e c) o papel temático dos elementos.

Quanto ao significado, constatamos que o verbo *levar* denota, em todas as construções coletadas nos manuscritos consultados, o sentido de *transportar algo/alguém*, como se verifica nos dados do *Diálogos de São Gregório*, em (11) e *Flos Sanctorum*, em (12), a seguir³⁶.

- (11) a. Ehindo este libertino hũa ue [f5r-c1] gada per seu caminho.
achou hũa | molher. e *leuaua* huũ corpo de | huũ seu filho quelhe
morrera.
- b. [...] Tomarõ osancto bispo marce | lino enas mááos. e *leuarõ*no |
peraaquel lugar hu ardy a acidade.
- c. [...] Ca prazer grande hey / quando | me *leuas* a outra terra [...].
- d. Ediselhe frey ma | uro acorre aaquel meny no que | foy polla
auga que cayo naalla | goa eaonda *oleuou* muy lomge.

³⁵ É necessária, talvez, a expansão da pesquisa para outros corpora desse mesmo ou de outros séculos. Nesses documentos, entretanto, já se registravam CVLs constituídas por *fazer* e *dar*, conforme se vê nos exemplos abaixo:

- i) *Diálogos de São Gregório*: a) Case|elle **faz ameaça** que nom entende | acomprir
queremos delle dizer e|afirmar que he gram misericordia | uerdade conhecida nõ
costramge|que digamos delle que he emganador; e b) Ehuũ delles **deu grande |
gymido**.
- ii) *Flos Sanctorum*: a) porque osmey que este cuydo era temptaçõ que viinha pelo
enmiigo, lidey per cinque {F40vC2} anos com meu coração pera nõ ir andar
devaneando pelo ermo e deixar mha cela em que **fazia proveyto** de mha alma; e b)
Mais aquel que estranho era, como quer que fosse ja que mais negligente no serviço
de Deus porque nõ vio nõguẽ estar sobre si que se del doesse e que lhi fizesse
conforto, **deu grandes gimidos** e chorou.

³⁶ Por questão de espaço, os exemplos desses dois manuscritos do século XIV não serão “traduzidos” para o português atual.

- (12) a. E assi como me tomarom, *levarom-me* muyt'aginha suso ao ceo contra a parte d'Ouriente.
- b. E veio aquel pastor e furtou as ovelhas do outro e *levou-as* a hufwufw logar muyto estreyto e muyto aspero [...].
- c. Se tu houveres vergonha, eu te *levarey* ante ele [...].
- d. E porque o homem boo era muy rico, prazia ao patriarcha de o ir vendimhando e *levando* del pouco e pouco totalas cousas que del podesse levar pera os pobres.

Como se verifica, o significado de *levar*, nas construções em (11) e (12), é o de *transportar algo/alguém*, logo *levar* é o responsável pelo valor semântico de todo o evento e, consequentemente, é o predador da construção, diferente do que ocorre com as CVLs em (10), dados do português atual. Ao lado das CVLs, foram encontradas, nos *sites* consultados, construções em que se observa o mesmo valor semântico e poder predicativo do verbo *levar* do documento arcaico, como se vê nos exemplos em (8) e (9), evidenciando o caráter da gradualidade retratada por Vitral e Ramos (2006).

Com relação ao número de argumentos, o verbo *levar* ocorreu, nos dados dos manuscritos, acompanhado por dois ou três argumentos, no *Diálogos de São Gregório*, como em (13), e por três argumentos, no *Flos Sanctorum*, como em (14).

- (13) a. Ediselhe outra uez amolher proue | este homẽ te dou por meu filho aue | piedade demim e leixame leuar meu | filho.
- b. Muitos homẽs ha hi que fazem | casas e outros que leuauã gramdes | pessoas. e outros pooẽ gramdes co | lunas [...].
- c. Eosancto homẽ nonse le | uantou do liuro ã que estava | leendo. mas chamou seus fra | des queo leuasem dentro ao moes | teiro e lhe desem abeenção.
- d. E | aquelles que hi stauã que sabiam | quã sancto era e como era tanto amj | go de deus leuarõno ao bispo [...].
- (14) a. E veerom entõ a mim os leaes cristaos e filharom-me e sacarom-me desta cova e levarom-me a huu castelo que ha nome Ebreuão.
- b. Amigo de Deus, eu venho por te levar a ele, polas obras boas e polo serviço que lhi fazes que hajas ende galardom.

-
- c. E se me quiseses haver por amiga, eu te levarey ante o emperador,
ca ne huu nõ ha ante el tã gram poderio come eu.
- d. E eles foram depos ela ata que os levou a hufwa cova hu tiinha
sete filhos grandes que nacerom cegos [...].

Como se vê, em (13), o verbo pleno *levar* ocorre combinado com dois e três elementos: o argumento externo e o argumento interno, o DP, em (13a, b); e o argumento externo e os dois argumentos internos, o DP e o PP, em (13c, d). Esse último comportamento também é percebido em todos os exemplos em (14). Essa capacidade que *levar* pleno, no português arcaico, tem de ocorrer combinado com dois ou três elementos também foi verificada nos dados coletados na internet, em que *levar* também ocorre em sua versão plena, como se viu nos exemplos descritos em (8) e (9), da seção anterior.

No que concerne ao papel temático dos elementos que acompanham o verbo *levar*, em (13) e (14), é possível identificar que ocorre com um argumento externo *agente* da ação de transportar, um argumento interno DP *tema*, entidade a ser transportada, e um argumento interno PP *alvo/meta*, destino do tema. Esses mesmos papéis temáticos também foram identificados nos argumentos de *levar* pleno das construções coletadas em sítios digitais como em (8) e (9). Sendo o verbo pleno *levar* o predicador da construção, em (13) e (14), é ele o responsável por selecionar e atribuir papel temático a todos os elementos que compõem o evento.

Da comparação realizada entre construções com o verbo *levar* considerando sincronias distintas, século XIV e século XXI, assumimos que ocorreu gramaticalização do verbo *levar*, tendo em vista o fato de o VL *levar* não ser o predicador da construção, ou pelo menos não o único, dividindo sua responsabilidade com o nome com o qual se associa, bem como ter se esvaziado semanticamente, o que, para Viotti (1998), são razões suficientes para considerar que um item tenha se gramaticalizado. Contudo, essa gramaticalização só

ocorreu a partir do século XIV, haja vista que não havia CVLs com *levar* nesse período da história do português.

Ademais, considerando Vitral e Ramos (2006), parece inegável apontar que o verbo *levar* não tenha sofrido um processo de gramaticalização, pois, conforme apontam os dados do português contemporâneo, esse verbo apresenta dois comportamentos, como em *Pedro levou bombons para o filho* e *O rapaz levou um tiro*. De acordo com a proposta dos autores, o comportamento de *levar*, no português atual em comparação ao comportamento desse verbo nos documentos do século XIV, numa perspectiva lexicalista, seria resultante de um processo de mudança que atua não na substituição de um uso pelo outro (pleno > leve), mas na atribuição de estatutos sintáticos diferentes a um mesmo item fonético, resultando em entradas lexicais distintas.

Neste artigo, porém, por discordar de Vitral e Ramos em alguns aspectos, assumiremos o aporte teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997) para justificar nossa proposta de gramaticalização. Ou seja, tomaremos essa teoria para buscar explicar como essa mudança apresentada por *levar* ocorre na gramática do indivíduo.

5 A PERDA DE PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DE *LEVAR* NOS MOLDES DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Explicar a gramaticalização é demonstrar como se verifica a perda de aspectos semânticos de um item e, nesta seção, buscaremos elucidar, de acordo com o aporte teórico da Morfologia Distribuída (doravante, MD), que as duas interpretações de *levar* – verbo pleno e verbo leve – são uma única sequência fonológica. A seguir apresentamos os aspectos relevantes desse modelo para defender a hipótese proposta.

A MD, uma corrente teórica contemporânea ao Programa Minimalista da Gramática Gerativa (CHOMSKY, 1995), foi formalmente introduzida por Halle

e Marantz (1993). Duas características desse modelo são relevantes para análise da gramaticalização do verbo *levar*: i) há apenas um componente gerativo, a sintaxe, que gera sentenças e palavras, tornando a estrutura relevante para a interpretação semântica dos itens de vocabulário; e ii) raízes são acategoriais, ou seja, sua categorização depende da sua combinação com projeções nominais, verbais ou adjetivais que resulta na formação de nomes, verbos e adjetivos, bem como são desprovidas de informações semânticas (EMBICK; NOYER, 2004)³⁷.

O termo MD reflete, adotando a ideia de um único componente gerativo, a distribuição das informações, antes atribuídas ao léxico, o componente gerativo de palavras, em três listas, a saber: *Lista 1*, *Lista 2* e *Lista 3*.

A *Lista 1*, ou Léxico Estrito, armazena feixes atômicos de traços gramaticais (v, n, a, sg., pl., pres., pass. etc.), que são manipulados pela sintaxe durante a derivação, e as raízes atômicas da língua, que são acategoriais (MARANTZ, 1997).

A *Lista 2*, ou Vocabulário, armazena as formas fonológicas para os nós terminais da sintaxe. Essa Lista inclui as conexões entre os conjuntos de traços gramaticais e os traços fonológicos e, assim, determina as conexões entre os nós terminais da sintaxe e suas realizações fonológicas (MARANTZ, 1997).

A *Lista 3*, ou Enciclopédia, armazena o conhecimento de mundo do falante, logo, é uma lista com conhecimento extralinguístico. Ela atua na interpretação de todas as raízes, sobretudo em contextos especiais em que as raízes adquirem um significado idiomático (MARANTZ, 1997). Por exemplo, uma raiz $\sqrt{\text{GAT}}$ - pode ser nominalizada e formar o nome *gato*. Como na Lista 3 todos os significados são possíveis, segundo o conhecimento de mundo de cada falante, a forma nominalizada, *gato*, pode, por exemplo, significar mamífero,

³⁷ Dentro do modelo da MD, há autores que propõem que as raízes podem ter algum tipo de informação (ARAD, 2005; BORER, 2013 etc.).

animal domesticável, pessoa bonita em um contexto como *Meu amigo é um gato*; e, ainda, ligação clandestina, como *Meu tio tem um gato de internet em sua casa*.

Para a análise de *levar*, das informações contidas na Lista 1, é relevante o fato de armazenar o traço categorial verbalizador, o qual permite que a raiz *lev-* seja um verbo quando dominada pelo núcleo funcional *v* na estrutura sintática (SIDDIQI, 2009), sem qualquer distinção se pleno ou leve. Como assumido anteriormente, propomos que *lev-* é uma única sequência fonológica disponível para o falante, na Lista 2. Dessa forma, essa sequência, sem informação semântica, na Lista 2, deve ser subcategorizada, permitindo sua inserção num nó terminal que requeira tanto um verbo pleno, quanto um verbo leve. É na Lista 3 que as diferenças semânticas entre as duas possibilidades dessa raiz são interpretadas. Portanto, propomos que a mudança/ampliação de uso, caracterizando o processo de gramaticalização do verbo *levar* - de verbo pleno a verbo leve - teria atuado na Lista 3, onde os significados das raízes são interpretados a partir dos contextos especiais em que ocorrem. As duas interpretações possíveis consideram informações da estrutura, o que está em conformidade, nesse modelo, pela característica em (i). A configuração argumental e temática na formação da forma verbal é responsável pela distinção semântica da raiz *lev-*: *levar* pleno seleciona e atribui papel temático a todos os argumentos (interno e externo) da construção (*Pedro*_{AGENTE} *levou um vinho*_{TEMA} *para seu pai*_{ALVO/META}), e, quando leve, projeta apenas a posição do argumento externo da construção, ficando a seleção do argumento mais interno sob responsabilidade do nome complemento do verbo leve.

O estatuto [$\pm$ lexical] de *levar* seria determinado não só a partir do contexto sintático (grade argumental) em que sua raiz é inserida, mas também semântico, tendo em vista as informações semânticas do NP argumento interno, conforme os traços que expressam (BORER, 2013; MARANTZ, 2013): __NP entidade, quando pleno, possui traços lexicais, e __NP evento, quando leve,

possui traços de item lexical e não lexical, visto que não seleciona e nem atribui papel temático a nenhum dos argumentos da CVL. Para Marantz (2013), a estrutura em que está inserido um item tem um papel importante na interpretação desse item.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução deste trabalho, propomos responder duas questões, o que parece termos conseguido realizar, a partir das descrições dos aspectos sintáticos e semânticos do verbo *levar*, tanto no português atual, quanto no português arcaico.

A primeira pergunta mostra-se respondida, no momento em que revelamos que o verbo *levar*, em sua versão leve, só ocorre no português atual, corroborando a hipótese de que esse item passou por um processo de gramaticalização.

A segunda pergunta torna-se respondida, quando descrevemos que esse item verbal perdeu seu valor predicacional, isto é, sua capacidade de selecionar argumentos e atribuir papéis temáticos, decorrente de um processo de mudança categorial e de um esvaziamento semântico.

REFERÊNCIAS

- ALBA-SALAS, Josep. *Light verb constructions in romance: a syntactic analysis*. Tese (Ph.D.) - Cornell University. Cornell University, 2002.
- ALVES, Daniela; FIGUEIREDO, Cristina. A formação do nominal nas construções com o verbo leve “fazer”, à luz da Morfologia Distribuída. In: *Tabuleiro de Letras*, v.: 12; n. 01, p. 8-27, 2018.
- ARAD, Maya. *Roots and Patterns: Hebrew morpho-syntax*. Springer, 2005.
- BATLLORI, Montserrat; HERNANZ, Maria-Lluïsa; PICALLO, Carme; ROCA, Francesc. (eds) *Grammaticalization and Parametric Variation*. Oxford University Press, 2005.

BORER, Hagid. *Taking form. Structuring sense*. Volume III. Oxford: Oxford University Press, 2013.

BORGES NETO, João. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BUTT, Miriam; LAHIRI, Aditi. *Historical Stability vs. Historical Change*. 2002. Disponível em <<http://ling.uni-konstanz.de/pages/home/butt/>>. Acesso em 03 de agosto de 2015.

CASTILHO, Ataliba. A gramaticalização. In: *Estudos Lingüísticos e Literários*, n. 19, p. 25-64, 1997.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.

DUARTE, Inês. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed., Lisboa, Caminho, p. 275-321, 2003.

EMBICK, David; NOYER, Rolf. Distributed morphology and the syntax/morphology interface. In: RAMCHAND, G.; REISS, C. (ed.). *The Oxford handbook of linguistic interfaces*. Oxford: University Press, p. 1-27, 2004.

GRIMSHAW, Jane; MESTER, Armin. Light verbs and θ -marking. *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 205-232, 1988.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: *The View from Building 20*, ed. Kenneth Hale and S. Jay Keyser. MIT Press. Cambridge: MIT Press, pp. 111-176, 1993.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JESPERSEN, Otto. *A Modern English Grammar on Historical Principles*. London: George Allen & Unwin, and Copenhagen: Ejnar Munksgaard, 1949.

LUCCHESI, Dante; RIBEIRO, Ilza. Teorias da estrutura e da mudança linguísticas e o contato entre línguas. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Diálogos de São Gregório: edição e estudo de um manuscrito medieval português*. Salvador: EDUFBA, 2008.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Um Flos Sanctorum trecentista em português: edição interpretativa*. Brasília: Editora da UnB, 2009.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, v. 4.2, p. 201-225, 1997.

MARANTZ, Alec. Verbal argument structure: Events and participants. *Lingua* 130:152-168, 2013b.

MEILLET, Antoine. *L'évolution des formes grammaticales*. Scientia, v. 12, n. 26, 1912. Reimpresso. In A. Meillet, 1958, *Linguistique Historique et Linguistique Générale*, Paris: Champion, pp. 130-58.

MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 01/10/2019.

MOURA NEVES, Maria Helena de. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: KOCH, I. V. (Org.). *Gramática do português falado*. Vol VI: desenvolvimentos. Campinas: Unicamp, 1996.

PANTE, Maria Regina. O verbo tomar como verbo-suporte no português arcaico. *Línguas e Letras*, v. 13, p. 161-175, 2012.

ROBERTS, Ian. *Diachronic Syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

SCHER, Ana Paula. *As construções com o verbo leve "dar" e as nominalizações em -ada no português do Brasil*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2004.

SIDDIQI, Daniel. *Syntax within the Word: economy, allomorphy, and the argument selection in Distributed Morphology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.

VIOTTI, Evani. Uma história sobre ter e haver. In: *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, (34), p. 41-50, 1998.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 29 de outubro de 2019.

Aprovado em sistema duplo cego em: 04 de março de 2020.